



REVISTA BRASILEIRA DE FILOSOFIA E HISTÓRIA



AFRÂNIO PEIXOTO: UMA BIOGRAFIA POSSÍVEL

Helmara Giccelli Formiga Wanderley

Professora de História CCJS/UFPG, Doutora em História pela UFPE

Email: helmaragiccelli@hotmail.com

Pedro Junqueira de Oliveira Neto

Graduado em História pelas Faculdades Integradas de Patos (FIP)

Email: pedrojnet@hotmail.com

Resumo: O presente estudo representa o esforço de entender a vida de Julio Afrânio Peixoto, um homem que circulou entre as ciências médicas, jurídicas, pelos campos da educação, da história, da política e, especialmente, das letras.

Palavras Chaves: *Afrânio Peixoto - Ciência – Letras - Biografia*

AFRÂNIO PEIXOTO: A POSSIBLE BIOGRAPHY

Abstract: The current study and research features struggle to understand Julio Peixoto's line of thinkings, a man who got through among in physician sciences, laws, as well as field of educations, history, politics, mainly, literature.

Key Words: Afranio Peixoto - Science – Letters - Biography

1. Afrânio Peixoto? Plural: Afrânios.¹

Ser só cientista é limitado. Ser só letrado é superficial.

Afrânio Peixoto, 1925.

Afrânio Peixoto não correspondeu jamais a determinada individualidade: era o pseudônimo de um grupo de homens de ciência e de letras.

Medeiros e Albuquerque, 1919.

Afrânio Peixoto é considerado por seus biógrafos "um homem de ideias e opiniões apaixonadas". Sua produção científica e literária é representativa de uma época, pois foi ele um

homem do seu tempo, e fez questão de sê-lo. Em sua vasta produção percebe-se que este brasileiro foi influenciado pelos movimentos econômicos, científicos, culturais e sociais que disseminavam-se no século XIX por todo o mundo.

Nascido na cidade de Lençóis, Bahia, em 1876. Afrânio ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia deu-se em 1892, vindo a diplomar-se em 1897, com a tese *Epilepsia e Crime*, primeiro estudo brasileiro sobre o tema. O estudo foi considerado, à época, original por ter teor crítico em relação aos estudos lombrosianos, que tinham grande assentimento no Brasil daquele *fin de siècle*. Apesar deste aspecto que poderia ter minado sua carreira, dado a singularidade das observações que fez sobre o assunto, o trabalho foi editado como livro em 1898, sendo recomendado em prefácios

¹ CASCUDO. Luis da Câmara. Afrânio Peixoto. In. Gente Viva. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1970.

por dois renomados médicos brasileiros do período, Nina Rodrigues e Juliano Moreira.

Como sugerido nas epígrafes que abrem este parte do trabalho, Afrânio não se bastou em ser médico. Aliás, naquele contexto, era comum entre os cientistas, especialmente médicos e juristas, que suas vidas arfassem entre o exercício científico e o pensamento literário, o que poderia significar prestígio e reconhecimento. A literatura era, por sinal, um dos caminhos mais curtos para a ascensão social. Neste sentido, cumpre observar que sua primeira obra literária *Rosa Mística* (1900), de acordo com Geraldo de Menezes tratava-se de um “drama bizarro, saudado pela crítica e discutido largamente em todos os meios literários do país. Pelo tema e pela estrutura de seu enredo, [...] que pregava a extinção da espécie humana” (1970, p.28).

O empreendimento não teve sucesso. E Afrânio passou a dedicar-se as pesquisas científicas na área médica. E, quanto àquele primeiro trabalho literário, anos depois, em 1913, foi rejeitado por ele, conforme sugere os rabiscos escritos em um exemplar: "Incorrigível. Só o fogo!".

Ora, o polígrafo foi um crítico arguto de tudo aquilo que o interessou, por paixão ou por ódio, mas também, por exigência e pela legitimidade a ele atribuída em face do muitos cargos e funções que ocupou nas diversas instituições do país e do exterior.

Dito isto, é preciso assinalar que sua trajetória profissional, começou a ganhar impulso a partir de 1902, quando Juliano Moreira o convidou a assumir o cargo de Inspetor Sanitário no Rio de Janeiro. Convite aceito prontamente. Mas, não foi essa a principal motivação para deixar a Bahia, Afrânio pensava grande! Sua ambição? ser professor da **Cadeira de Higiene e Medicina Legal**, na Faculdade do Rio de Janeiro.

A decisão foi descrita em termos da conversa que teve o médico com o governador da Bahia Severino Vieira em 1902. Explicou Afrânio, "o que tentava fazer demonstrava o meu idealismo, arriscando-me a concurso em terra estranha, para vir a ganhar a quarta parte daquilo que já tinha na terra natal, sem maior esforço" (apud. SALES, 2001, p.13).

E insistiu, "se na minha idade não tentar uma imprudência semelhante, não será na velhice que hei de cumprir o meu ideal, que é ser professor de Faculdade de Medicina da Capital de meu país" (apud. SALES, 2001, p.13).

Afrânio conquistou a vaga, tornando-se professor da cadeira de Medicina Legal e Higiene em 1906. E foi mais longe!

A partir de 1903 o polígrafo baiano começou a aproximar-se do campo psiquiátrico quando, por indicação de Juliano Moreira, assumiu o ofício de médico do Hospital Nacional de Alienados. Naquele mesmo ano, Afrânio, elaborou, à pedido, o Regulamento dos Serviços de Polícia². Em outubro, o médico baiano recebeu o título de Membro da Academia Nacional de Medicina do Rio de Janeiro. E muitos outros títulos ainda estariam por ser conquistados, como se observará adiante.

Em 1904, Afrânio tornou-se diretor do Hospital Nacional de Alienados, vindo a realizar as reformas preconizadas pela Lei de Assistência aos Alienados³. Um ano depois, fundou com Juliano Moreira os "Arquivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Ciências affins", o que concorreu para fortalecer e legitimar seus discursos médico-científico. Em seguida, ainda em parceria com Moreira, instituiu a Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal, em 1907. Ano em que assumiu também o cargo de diretor do recém criado Instituto Médico Legal⁴, tendo por missão fazer cumprir o regulamento pericial de 1903, que foi por ele criado. Afrânio não se esquivou daquele encargo. A respeito do que Nina Rodrigues, citado por Fernando Sales, afirmou: "a reforma de Afrânio Peixoto foi a providência de maior alcance tomada até hoje pelo governo do país, em bem da realidade e da eficácia da técnica dos exames periciais" (2001, p. 15).

² Decreto 4.864 de 15 de Junho de 1903.

³ O Decreto n. 1.132, de 22 de dezembro de 1903, que Reorganiza a Assistência a Alienados. foi a primeira legislação brasileira específica sobre alienados e alienação mental.

⁴ O Instituto Médico Legal foi criado pelo Decreto nº 6.440, de 30 de março de 1907.

Observando-se o percurso profissional e intelectual deste intérprete. Faz-se necessário assinalar que foi prática comum entre os intelectuais brasileiros, daquele cenário, a circulação institucional e política, o que corroborava para o cultivo de conhecimentos enciclopédicos entre aqueles sujeitos⁵. Todavia, *em fins do século XIX, a intelectualidade começou a se especializar. Neste novo cenário, a vasta instrução perdeu grande parte do seu prestígio público, adquirindo, no mesmo movimento, ares de cultura enciclopédica 'inútil'. [...] Aos olhos da elite letrada fortaleceu-se a convicção de que o exercício de uma atividade profissional específica deveria ser, então, a razão primordial da dedicação aos estudos* (SÁ, 2006, p. 14).

Este movimento de especialização que estava em marcha na Europa daqueles anos, fez surgir aqui no Brasil, um movimento de rejeição aos enciclopédicos e literatos. Machado de Assis já teria criticado este postulado em seu conto o Alienista de 1882. Nas palavras do Dr. Simão Bacamarte: "Homem de ciência, é só de ciência, nada o consterna fora da ciência" (ASSIS, 2004, p. 7). Apesar disso, Afrânio assumiu o risco. E, sublinhe-se: em 1910, quando deixou o Instituto Médico Legal, o sucesso na área de sua formação já era evidente. No entanto, isso não o bastou. "Ser médico e literato era a questão" (MAIO, 1994, p.78).

Afrânio já teria iniciado sua campanha rumo a Academia Brasileira de Letras há algum tempo, ainda que isso não tenha ficado evidente para seus biógrafos que afirmam, de forma

⁵ De acordo com SCHWARCZ (2008), naquele momento, a filiação institucional, era basilar para garantir a legitimidades dos discursos produzidos por um determinado grupo acerca das questões brasileiras. Tal condição, afirma esta autora, contribuiu para que as elites intelectuais constituíssem relações de intercâmbio cultural entre si. Para Sá (2006), entre o final do século XIX e início do século XX, a vinculação a movimentos intelectuais e políticos importantes, assim como a criação de instituições científicas e a filiação das elites intelectuais em espaços não científicos, à exemplo da Academia Brasileira de Letras, apesar das polêmicas que levantava entre cientistas e literatos. O primeiro grupo, se auto-identificava, por seu papel intervencionista nos problemas do país, para estes, os homens de letras estavam afastados dos problemas reais que enfrentava o Brasil no contexto de implantação do Regime Republicano.

pouco crítica, que o médico baiano, não pretendeu ser escritor literário ao chegar ao Rio de Janeiro, justificando a assertiva a partir do fato de que, por mais de dez anos, não havia nosso polígrafo publicado outra obra de caráter não-científico.

Ora, apesar da verdade que essa afirmação comporta, Afrânio frequentou, desde sua chegada ao Rio de Janeiro, os circuitos literários, talvez estrategicamente, com o objetivo de tornar-se, entre as elites letradas e ilustres daquela Capital, um respeitado homem das letras. Neste sentido, ao estabelecer vínculo amistoso com Mario de Alencar, filho do escritor José de Alencar, não só passou a frequentar a casa do autor, como também estreitou relações com outros escritores do ciclo de amigos de Mário. Foi, todavia, o assassinato de Euclides da Cunha em 1909, deixando vaga a cadeira de nº 7, que o animou a buscar do título de Acadêmico.

Assim, outra iniciativa que corroborou para o sucesso de Afrânio na seara das letras foi a publicação, em 1910, do seu manual *Elementos de Medicina Legal*, obra de cunho didático que se tornou, de imediato, sucesso de vendas, não só projetando o escritor como também trazendo grandes lucros para a editora Francisco Alves que também encerrava grande prestígio entre os acadêmicos e escritores em geral.

Afrânio Peixoto não agiu despreziosamente, sabia onde desejava chegar. E mais, sabia como chegar.

Neste sentido, note o que diz[ia] o *Estatuto da Academia Brasileira de Letras* de 28 de janeiro de 1897, em seu Art. 2º "Só podem ser membros efetivos da Academia os brasileiros que tenham, em qualquer dos gêneros de literatura, publicado obras de reconhecido mérito ou, fora desses gêneros, livro de valor literário" (ASSIS, et. al. 1897). Estava, portanto, legitimada a candidatura de Afrânio como membro daquela casa. E foi graças as campanhas do influente Mário de Alencar que nosso médico foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras em maio de 1910.

Uma vez eleito, o médico começou a escrever sua segunda obra literária, "A Esfinge",

que seria lançada em 1911, relevando sua entrada para a Academia, conforme afirmou em entrevista:

Não quis repetir o que ocorrera com Graça Aranha, que foi acadêmico apenas com o prefácio de um livro [...] Também eu havia prefaciado um livro de Araripe Júnior, Miss Kate, mas não julgava isso o bastante para a honra que me conferiam (apud. SALES, 2001, p.70).

Este tom polemico é notório em todas as obras compulsadas. Afrânio, tal como sugeriu Câmara Cascudo (1970), "não podia ouvir barulho sem meter-se nêle!"

a obra afraniana é variada, sugestiva, desigual. Temperamento em constante ponto de ebulição trabalhou sob o signo da Angústia. Não há repouso, tranquilidade, alegria, nas suas citações. Os livros vulgarizadores de Medicina e Literatura traem a inconsciente vocação polemista, visível e continua (CASCUDO, 1970, p. 38).

Ele também inquietou a Academia Brasileira de Letras. Enfrentando as críticas sobre as eleições de cientistas-médicos para ocupar Cadeiras naquela instituição, oportunamente, por ocasião da recepção a Oswaldo Cruz em 1912, respondeu as provocações com tom áspero:

A Academia vos requestou. Nisto ela é bem feminina - que pecado feliz! quando procura possuir todas as jóias ao seu alcance.

E, se os que a invejam, neste momento, fingem exigir razão prática de sua escolha, ela lhes confia que não conseguiu ainda divulgar diferença essencial entre ciências e letras, a não ser que umas se fazem com as outras, e estas, pela literatura - revelação do ambiente, do povo, da ocasião - incluídas assim no determinismo científico (PEIXOTO, 1912).

E continuou,

Ciência e Literatura. Nunca essas separações foram exclusivas no passado e nem o são agora. [...] Tudo é comum à inteligência; o folclore, ocupação de literatos de ontem, é a fama, de agora, estudo de etnografia. Reclama a história leis científicas, para se acreditar de verossímil; toma borla e capelo a filosofia, para parecer psicologia experimental (PEIXOTO, 1912).

Não esquecia seus desafetos e em 1919 foi mais decisivo: "Por que só aos médicos se não

de fazer maus modos e achar que não devem pretender o que é lícito a todo o mundo ainda menos culto e menos exercido? (PEIXOTO, 1919).

No campo de sua formação científica, envolveu-se, entre outros casos, nos debates e polêmicas em torno da "Doença do Brasil"⁶, descoberta em 1909 por Carlos Chagas, pesquisador do Instituto Oswaldo Cruz. Afrânio foi responsabilizado de ter eclipsado os feitos daquele cientista que vinha ganhando grande destaque das autoridades internacionais no assunto. Na mesma medida, nosso médico foi acusado de antinacional, por quase ter solapado o prestígio adquirido pelo Instituto Oswaldo Cruz no campo da medicina tropical.

E, mesmo em face do reconhecimento internacional alcançados pelo trabalho "coletivo" desenvolvido pelo Instituto Oswaldo Cruz, sob a orientação de Chagas, em torno das doenças tropicais, Afrânio não se calou. Em 1938, no prefácio da sua obra **Clima e Saúde**, fez novas críticas: "O Brasil é o único país grande, de civilização ocidental, situado nos trópicos [...] Tem, pois, direito a pensar e de achar soluções suas, para os próprios problemas: soluções brasileiras, para problemas brasileiros." (1938). Como se observa, Afrânio foi um opositor intransigente das correntes científicas que defendia a influência climática sobre a saúde do Brasil.

Insistiu: "sobre doenças do Brasil, pode-se dizer que êle não tem nenhuma própria. Nenhuma que aí fosse achada e daí exclusiva ou exportada para outras partes" (PEIXOTO, 1938, p. 160).

E completou: "o clima no Brasil não importa absolutamente a questão da salubridade, e permite ao homem como a todos os seus comparsas da natureza, um desenvolvimento próspero e feliz"(1938, p. 170). Polêmico, Afrânio encerrou o livro sem tocar na questão da Doença de Chagas, mas as muitas ironias e reticências permitem conhecer seu interlocutor. Para Afrânio, "o perigo não esta[va] no clima nem na saúde... O perigo esta[va] em nós

⁶ A descoberta do Trypanosoma Cruz foi considerada um feito da Ciência Brasileira e do Instituto Oswaldo Cruz, merecedora de nota nos *Archiv für Schiffs- und Tropen-Hygiene* em 1909, revista do Instituto de Doenças Tropicais de Hamburg (KROPF, 2006).

mesmos... Educação...educação... Com ela virá a higiene, e tudo mais...(1938, p.295).

Dentro do projeto social pensado para o país na atmosfera em que viveu nosso interprete, a educação havia se tornado a prática prioritária para se alcançar a modernidade desejada e conclamada por nossos intelectuais. Neste sentido, o título *Noções de História da Educação*, publicado em 1933, constituiu-se em importante suporte para a formação docente no Brasil naqueles anos.

Sublinhe-se ainda que, na área de sua especialidade são proeminentes seus trabalhos como médico, técnico e pesquisador nos domínios da Medicina Legal, sobressaindo-se suas obras: *Epilepsia e Crime*; *Elementos de Medicina Legal*; *Psico-patologia forense e Criminologia*.

Sobre sua vasta produção, o discurso de Acolhida do Dr. Joaquim de Carvalho, realizado por ocasião da homenagem feita ao nosso intérprete durante visita ao Instituto de Coimbra, em maio de 1935, do qual Afrânio foi sócio honorário, é expressivo da trajetória deste escritor e pesquisador brasileiro. Assinalou Carvalho,

Tantas e tão variadas ocupações são a projecção de uma singular personalidade, o reconhecimento publico das suas aptidões e capacidades; mas como serem variadas, decorosas e beneméritas, eu creio, Senhores, que é no domínio da Inteligência que Afrânio Peixoto fixou para a posteridade o seu perfil inconfundível.

[...] A pujança do seu espírito tudo avassala! Por igual ele é o cientista da Medicina Legal; da higiene Geral da Medicina Preventiva, da Criminologia; o pedagogo do Ensinar a Ensinar; o sociólogo da Minha terra e minha gente; o ensaísta político da Marta e Maria; o folclorista das Trovas brasileiras e das Missangas; o filólogo do Dicionário dos lusíadas; o historiador das cartas jesuíticas; o editor de Gandavo e dos classicos brasileiros; o crítico literário de castro Alves, o poeta e o poema e das Noções de história da Literatura brasileira; o esteta do drama simbólico Rosa Mística e das Parábolas, o romancista da Esfinge, da Bugrinha, da Fruta do mato, da Maria Bonita, das Razões do Coração e da Sinhazinha, conjunto admirável que [...] se poderia formular, a Comédie humain do Brasil; o renovador da erudição e da crítica camoniana da Dinamene e dos ensaios camonianos (CARVALHO, 1935, pp. 366-367).

Diante do exposto, a análise da trajetória de Afrânio Peixoto revela que polígrafo esteve envolvido em questões, de todas as ordens, durante os 50 anos de atividade profissional e literária.

E, na impossibilidade de encerrar este exercício biográfico, dado as limitações que este trabalho comporta, nada mais apropriado que ressaltar o desabafo daquele homem que nos ocupou até aqui.

Fui professor de Medicina, de Sociologia, diretor de Instrução Pública, reitor de Universidade... Usaram e abusaram de mim. Parece-me, porém, que o pecado inexplicável são as 50 obras diversas e 250.000 que a estatística apurou de minha responsabilidade espalhadas no Brasil... Não há dúvidas estou irremediavelmente perdido..." (apud. MENEZES, 1970, p.67).

Setenta e um anos assinalaram a vida inquieta de Afrânio. Sua obra, porém ainda espicaça muitos homens e mulheres de letras e de ciências.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado. **O alienista**. São Paulo, Scipione, 2004.

BRASIL. Senado Federal. Decreto nº. Decreto nº 1.132, de 22 de Dezembro de 1903. Reorganiza a Assistência a Alienados. Disponível em <http://www6.senado.gov.br/legislação./MinistériodaEducaçãoSaúde>. Acesso 12.03.2012.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Gente Viva**. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 1970.

CARRARA, Sérgio. **Crime e Loucura: O aparecimento do manicômio judiciário na passagem do século**. Rio de Janeiro:

EDUERJ/EDUSP, 1998.

CARVALHO. José Murilo de. **OS Bestializados: O Rio de Janeiro e a República**

que não foi. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril** – cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: companhia das letras, 2006.

FERLA, Luis, **Feios, sujos e malvados sob medida: a utopia médica do biodeterminismo**, São Paulo, Alameda. 2009.

KRAEPELIN, Emil. **A loucura maníaco-depressiva**. Rio de Janeiro, Forense, 2012.

KROPE, Simone Petraglia. Carlos Chagas e os debates e controvérsias sobre a doença do Brasil (1909 - 1932). **História, Ciência e Saúde - Maguinhos**, Rio de Janeiro, v.16, supl.1, jul. 2009.

LOBO, Costa. **Homenagem ao Dr. Afrânio Peixoto** - Instituto de Coimbra. Coimbra, 1935. Disponível em <http://bdigital.bg.uc.pt/periodicos/show.asp?i=4480-1&p=7>. Acesso 12.07.2013.

LOMBROSO, Cesare. **O Homem Delinquente**. São Paulo, Ícone, 2013.

MAIO, Marcos. Chor. **Afrânio Peixoto: notas sobre uma trajetória médica**. In. Revista da SBPC, n. 11, 1994.

MENEZES, Geraldo de. **Notícia de Afrânio Peixoto**. Rio de Janeiro, S/Ed., 1970.

MOREIRA, Juliano. Assistência aos Epilepticos. In. MOREIRA; PEIXOTO (Orgs.) **Archivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Affins**. Rio de Janeiro: Oficinas de Typ. e Encard. do Hospital nacional de Alienados, 1905.

_____. **Notícia sobre a evolução da assistência a alienados no Brasil (1905)**. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_text&pid=S1415-47142011000400012. Acesso 01.07.2013.

MOREL, Benedict-Augustin. Tratado das degenerescências na espécie humana. In. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.**, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 497-501, setembro 2008.

PEIXOTO, Afrânio. **Clima e Saúde**. São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre: Companhia Editora Nacional.1938.

_____. **Criminologia**. Rio de Janeiro, Editora Guanabara.1933.

_____. Discurso de Recepção ao Acadêmico Oswaldo Cruz - 1913. In. Academia Brasileira de Letras. Disponível <http://www.academia.org.br/ablmedia>. Acesso 24.06.2013.

_____. Discurso de Recepção ao Acadêmico Aloísio de Castro - 1919. In. Academia Brasileira de Letras. Disponível <http://www.academia.org.br/ablmedia>. Acesso 24.06.2013.

_____. **Elementos de Medicina Legal**. Rio de Janeiro, São Paulo, Minas. 1909.

_____. **Epilepsia e Crime. (tese)** Bahia, S/Ed. 1897.

_____. **Epilepsia e Crime**. Bahia, V. Oliveira & Comp., 1898.

_____. **História do Brasil**. Rio de Janeiro, S/ED. 1940.

_____. **Psico-Patologia Forense**. Rio de Janeiro. 1916.

_____. **Os nomes da loucura**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

PINEL, Philippe. **Tratado Médico-Filosófico**. Sobre a alienação mental ou a mania. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

PESSOTTI, Isaias. **Os nomes da loucura**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

RODRIGUES, Nina. **O Alienado no Direito Civil Brasileiro**. São Paulo, S/Ed, 1939.

SÁ, Dominichi Miranda de. **A ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

SALES, Fernando. **A Bahia de Afrânio Peixoto**. Academia Brasileira de letras. Rio de Janeiro. 2001.

SALES, Fernando. **Aspectos de da vida e obra Afrânio Peixoto**. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1987.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; BOTELHO, André. **Um Enigma Chamado Brasil: 29 intérpretes e um país**. São Paulo: Companhia das Letras. 2009.

SEVCENKO, Nicolau. A Capital Irradiante: técnicas, ritmos e ritos do Rio. In: _____. **História da Vida Privada no Brasil: República da Belle Époque à Era do Rádio**. São Paulo: Companhia das Letras; 2008.

SEIXAS, Henrique Carlos do Rosario. **Os crimes dos Epiléticos**. Porto, Imprensa Nacional, 1922.